

## **VELHICE E TRABALHO: a informalidade como (re) aproveitamento do descartado**

*Raimunda Silva D'Alencar\**

*Juliana Britto Campos\*\**

### **Resumo**

Apesar das mudanças, as características do mercado de trabalho brasileiro permitem, de um lado, a ocupação precoce de crianças e jovens no mundo do trabalho e, de outro lado, o reaproveitamento de um contingente situado no outro extremo da escala etária produtiva, os da chamada terceira idade, legalmente jubilados desse mesmo mercado. A ocupação informal vem garantindo sobrevivência para parcela relevante da população, inclusive do idoso, ainda que já aposentado. Este texto propõe conhecer um pouco dessa realidade do trabalhador idoso na ocupação informal, o grau de satisfação e impacto da renda na sobrevivência da família. O trabalho foi desenvolvido em um centro comercial do município de Itabuna, sul da Bahia, com a utilização da entrevista semi-estruturada, junto a dezesseis idosos, homens e mulheres. Apesar de se constituir como uma necessidade fundamental para a sobrevivência da família, e apesar de ser um trabalho desenvolvido sob precárias condições, os idosos têm no trabalho um elemento de satisfação com a vida, de prazer e alegria de viver.

*Palavras-chave:* Velhice. Trabalho Informal. Economia Informal.

### **1 Introdução**

A história social do homem tem evidenciado que, sob qualquer modo de produção, o trabalho se traduz na expressão concreta de sua inserção no processo de desenvolvimento da sociedade e, portanto, em um indicador de sua participação social. O trabalho, portanto, ao longo da história, se constitui na referência de construção da identidade e sociabilidade humanas.

---

\* Professora Assistente do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH), Núcleo de Estudos do Envelhecimento, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus, Bahia. E-mail: young2004@ig.com.br

\*\* Graduada em Economia, UESC.

No modelo econômico alicerçado na relação capital-trabalho essa participação é regida por dois fluxos: o da produção e o do consumo. Isto significa que, sob uma economia capitalista:

[ . . . ] só é pessoa quem troca, quem tem o que trocar e tem liberdade para fazê-lo. A condição de pessoa, a condição humana, específica dessa sociedade, surge da mediação das relações de troca: uma pessoa somente existe por intermédio de outra. (MARTINS, 1981, apud OLIVEIRA, 1995, p. 60)<sup>1</sup>.

Nas economias consideradas avançadas, ainda que se discuta a insegurança e precarização do trabalho como um processo vivido hoje por todas as sociedades (basta que se considere os índices de desemprego em diferentes países), essa relação tem sido conduzida de modo a que não apenas as necessidades de reprodução do trabalho sejam satisfeitas mediante o consumo mínimo da classe trabalhadora, mas avancem na melhoria do padrão e qualidade de vida dos indivíduos e, portanto, na criação e satisfação das aspirações – individuais e sociais -, naturalmente que não só incluído o acesso a benefícios sociais indispensáveis ou prioritários à vida, como alimentação e moradia.

Assim, a camada da população que apresenta potencial produtivo e, conseqüentemente, potencial de consumo, adquire relevância e constitui-se em preocupação para políticas sociais prioritárias, realçando aquelas que garantam a manutenção da capacidade intelectual (educação, saúde, lazer) em cada período da vida.

Embora este não tenha sido o comportamento sacramentado por nossa prática social, a realidade brasileira tem mostrado que as características do mercado de trabalho, decorrentes das especificidades da estrutura econômica vigente, do seu *modus operandi* e da estrutura de emprego daí gerada, permitem que, de um lado, se antecipe a entrada no mercado de trabalho para um segmento etário ainda não física e psicologicamente pronto, os da primeira idade e, de outro lado, que se reaproveite, embora desvalorizando, um contingente já qualificado por esta mesma sociedade como improdutivo, os da chamada terceira idade.

---

<sup>1</sup> MARTINS, José de Souza. *Os Camponeses e a Política no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1981. Apud OLIVEIRA, 1995, p. 60.

Quando a questão do trabalho é relacionada com a idade, é interessante ouvir o que o senso comum vem afirmando: os idosos representam um peso para a sociedade. Embora se trate de um mito, que tem origem na dificuldade que tem esta mesma sociedade em arcar com os custos do amparo social aos mais velhos, é cada vez mais importante considerar que o envelhecimento populacional implica na diminuição da atividade econômica e no incremento de custos com saúde e pensões/aposentadorias.

Em espaços cuja economia é primária, no caso da agricultura, homens e mulheres sempre trabalharam e envelhecem trabalhando. Fora o setor agrícola, que mais absorve o idoso aposentado, é no comércio por conta própria que a sua presença vem se destacando. Em atividades informais são encontradas pessoas mais velhas, tanto aquelas que nunca foram formalmente empregadas porque não tiveram oportunidades educacionais para tanto, quanto aquelas que já foram jubiladas do trabalho formal.

No contexto atual da realidade econômica brasileira, ter um trabalho passa a ser uma necessidade prioritária e até um privilégio. A onda de desemprego gerada, em parte, pelo processo de globalização da economia mas, principalmente, pela desigualdade na distribuição de bens e de oportunidades sociais, afeta a todos, independente da idade. Mesmo pessoas adultas que mal atingiram 40 anos têm sido vítimas do desemprego, constituindo-se em mão-de-obra já indesejável ao mercado de trabalho.<sup>2</sup>

Como precisam sobreviver, e sobreviver é buscar e criar as condições mínimas para viver, ter moradia, comida e roupa lavada, a saída vem sendo o trabalho informal, aquele sem carteira assinada, sem repouso remunerado, sem férias, sem décimo terceiro salário, prerrogativas que o trabalho formal oferece.

Esse trabalho, que se manifesta de variadas formas, que vão da compra e venda de produtos sem nota à sonegação fiscal e contratação irregular de trabalhadores (O CRESCIMENTO..., 2005), movimentam uma economia nada informal, levando-se em conta o peso que vem re-

---

<sup>2</sup> Estudos realizados pela Comissão Europeia (El ENVEJECIMIENTO..., 2004) alertam para a necessidade de modificações no mercado de trabalho fazendo-o mais flexível para os maiores de 60 anos, principalmente porque o ritmo de crescimento da população ativa registrará uma diminuição já significativa até o ano 2025, de cerca de 6,4% (os jovens terão diminuição substancial na pirâmide etária, paralelamente ao aumento dos mais velhos).

presentando para o produto interno bruto brasileiro, chegando a quase 40% da renda bruta nacional, e ocupando o nono lugar no ranking da informalidade.

Na cidade de Itabuna, sul do Estado da Bahia<sup>3</sup>, é comum o encontro de pessoas jubiladas do trabalho formal (onde tinham carteira assinada, cumpriam horários de trabalho e tinham a certeza do salário no fim do mês); essas pessoas se tornam sobrantes e entram no mundo da informalidade, não só para garantir a própria sobrevivência mas a dos filhos e seus dependentes. Esse retorno ou continuidade no trabalho para aposentados pode significar que as aposentadorias e pensões no Brasil, na maioria dos casos, não lhes garantem viver com dignidade. Além disso, o censo também revela que o número médio de pessoas no domicílio chefiado por idoso já é representativo (3,2 pessoas), seja porque a saída dos filhos da casa dos pais vem sendo cada vez mais retardada, seja pelo retorno depois de alguma experiência fracassada.

Embora nem todos os idosos<sup>4</sup> sejam aposentados, as aposentadorias representam papel relevante nas suas rendas, relevância que cresce com o aumento da idade. O número de aposentados desta pesquisa mostra que os valores concedidos pela previdência pública continuam levando os idosos ao trabalho depois de aposentados. Acrescenta-se ainda o fato de que os idosos tendem a ser mais voláteis em sua estrutura de gastos e renda domiciliar *per capita*. Essa maior volatilidade decorre, de um lado, da elevação de gastos com a saúde (em processos decorrentes da idade) e, de outro, da dificuldade que têm jovens e adultos em idade ativa para trabalhar no município, considerando a falta de investimentos geradores de vagas e a crise da agropecuária local (baseada na produção de cacau), que afetou sobremaneira as possibilidades de emprego, especialmente para pessoas com baixa escolaridade. Infere-se, pois, que o trabalho informal, após uma certa idade, além dos aspectos apresentados, só se justifica numa sociedade que remunera mal seus trabalhadores ou não cria as condições que lhes garantam inserção na formalidade.

Um aspecto a considerar é que a continuidade no trabalho in-

<sup>3</sup> Trata-se de cidade que fica a aproximadamente 429 km da capital do Estado, Salvador, e limita-se ao norte com os municípios de Lomanto Júnior e Itajuípe; ao sul com Jussari e Buerarema; ao oeste com Itapé e Ibicarai e ao leste com Ilhéus. A área total do município é de 580,49 Km<sup>2</sup>, e sua área urbana é de 65,93 Km<sup>2</sup>.

<sup>4</sup> Pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

depende da condição pretérita de vinculação ao mesmo, seja formal ou informal. Dos dezesseis idosos desta pesquisa, nove deles tiveram vínculo formal com o trabalho, enquanto os demais sempre foram informais em fases anteriores da vida.

Os trabalhadores idosos de Itabuna, mal remunerados, tentam assegurar, com mais trabalho, uma qualidade de vida digna. Para saber as motivações que os mantêm no trabalho informal, essa pesquisa buscou traçar o seu perfil sócio-econômico, levantar o grau de satisfação e perspectiva com relação à atividade de vendedor ambulante, bem como avaliar o impacto da renda do idoso na sobrevivência da família.

Dada a crescente visibilidade do setor na realidade do município, foi escolhido como área de estudo o Centro Comercial do município de Itabuna, por estarem ali concentrados os trabalhadores ambulantes, que embora na informalidade, cumprem seus horários de trabalho como se vinculados estivessem a um trabalho formal.

A metodologia utilizada para esta pesquisa, considerando-se os objetivos do estudo, foi a entrevista estruturada, com registro em formulário criado para tal finalidade, além da observação. As entrevistas estruturadas foram realizadas junto a indivíduos com idades igual e superior a sessenta anos, com postos de trabalho instalados no Centro Comercial, localizado próximo ao Terminal Rodoviário. Foram consideradas as variáveis: *escolaridade, saúde, idade, renda, ocupação, moradia* e, finalmente, com questão aberta, o significado de *trabalho* para o informante.

Os sujeitos da pesquisa foram identificados no universo de 70 trabalhadores ambulantes que comercializam seus produtos no Centro Comercial, entre adultos jovens e idosos, registrados pela Associação de Ambulantes do Município. Foram selecionados todos os 16 ambulantes encontrados com idade superior a 60 anos (com a distribuição seguinte: cinco idosos entre 60 e 65 anos, seis idosos entre 66 e 71 anos, quatro idosos entre 72 e 78 anos e um com 81 anos), o que representou o universo de idosos ambulantes, informais, daquele espaço, considerado de fácil acesso e de grande movimentação de pessoas.

## 2 Falando da Informalidade do Trabalho no Mundo Contemporâneo

Ao longo da história o trabalho tem significados diferentes para as diferentes sociedades. Palavra originária do latim *tripallium*, que significa instrumento de tortura, tem esse conceito alterado pela Reforma Protestante, contrariando a visão do catolicismo que o concebia como uma forma de expropriação pelo pecado original, como castigo divino, que nem todos mereciam. Até o advento da indústria, aqueles que ocupavam o alto da pirâmide social (aristocratas, proprietários de terras, intelectuais) não trabalhavam. Nas sociedades capitalistas, o trabalho passa a ser visto como criador de riquezas e, de acordo com o marxismo, somente quando transformado em mercadoria, o trabalho nega a condição humana, porque aliena, escraviza, deixa o homem infeliz.

Falar do trabalho como atividade humana, independente de quem o realiza é, neste espaço, absolutamente pertinente, principalmente quando considerado como atividade transformadora. Diferentemente de outros animais, o trabalho humano, muito mais que transformar a realidade, cria significados. É que, na ação humana sobre os objetos, sobre o mundo, não só há modificação do mundo ou dos objetos, como há modificação do próprio homem. Assim, dizem Soratto e Olivier-Hecler “[ . . . ] o trabalho, enquanto atividade criativa e de transformação, modifica não apenas o mundo mas, também, o homem que o executa.” (1999, p. 112).

Embora nem sempre o trabalho traga retornos positivos para o trabalhador, e muitas vezes até lhe traga sofrimento<sup>5</sup>, há uma maneira consensual, na sociedade, de que o trabalho enriquece o homem, tanto em conhecimento como em aquisição de habilidades, experiências e desenvolvimento. Isto porque, quando o homem trabalha ele o faz deixando muito mais que energia física naquilo que faz. Ele busca satisfazer as suas necessidades materiais (casa, comida, roupa, lazer, etc.) e, também, as necessidades afetivas, traduzidas em reconhecimento, satisfação, prazer para viver humanamente, para estar no mundo. E estar no mundo significa fazer algo para continuar vivendo. Este fazer revela uma resposta à existência, porque envolve o homem todo: razão, senti-

<sup>5</sup> Em especial quando o trabalhador não tem autonomia e controle sobre o processo de trabalho, sentindo-se tolhido na sua liberdade de ação ou, ainda, quando a atividade do trabalho é repetitiva, tornando-se enfadonho e empobrecido. Ver Dejours (2001).

mento, vontade, corpo, dando conta de que existir e agir são exigências da totalidade humana. De acordo, ainda, com Soratto e Olivier-Hecler (1999), no trabalho o homem deposita suas queixas e insatisfações, mas também suas alegrias e sonhos.

Nessa perspectiva, o desemprego é um dos mais complexos problemas das sociedades contemporâneas, já que o trabalho representa o relacionamento ativo do homem com o mundo, a possibilidade de (re) criação de um mundo novo, através da sua própria criação, a independência individual, a renda e o *status* social de cada um, o modo próprio de manifestar a vida. Sendo assim, o desemprego produz o agravamento de problemas sociais e individuais, tais como: exclusão social, perda da auto-estima, paralisia, desânimo, desigualdade social, aumento dos índices de violência, entre outros. Esses problemas são particularmente visíveis quando há desaceleração econômica, levando à redução dos níveis de emprego e, conseqüentemente, do número de pessoas que buscam sobrevivência em trabalhos informais<sup>6</sup>.

Nesses termos, a informalidade, de um modo geral, é considerada subproduto do desemprego; com raras exceções, as pessoas não optam pelo trabalho informal por vontade própria. Independente do seu conteúdo, o trabalho informal está sendo visto como uma saída para garantir a sobrevivência de um contingente cada vez maior de brasileiros. Enquanto milhões deles buscam o próprio sustento e de seus dependentes atuando como sacoleiro, vendedor de cachorro-quente, vendedor de pipoca e de outros produtos, não se pode desconsiderar que outros milhões de cidadãos deste País não encontram sequer essa opção.

As condições decorrentes do desemprego tornam-se mais agudas na velhice, principalmente quando se leva em consideração que as transformações sociais, econômicas e culturais desenvolvidas nos últimos anos com o rápido processo de urbanização e tecnologia, têm provocado o enfraquecimento das relações na comunidade e na família, tradicionais suportes na integração e cuidados ao idoso. Essas transformações, que trouxeram profundas modificações na estrutura e nas condições de funcionamento do mercado de trabalho, impactam diretamente sobre os níveis de precarização da mão-de-obra, envolvendo segmentos importantes da força de trabalho.

---

<sup>6</sup> Considera-se trabalho informal o trabalho sem carteira assinada, o chamado conta própria, aquele em que o trabalhador fica à margem das leis trabalhistas, e é privado de direitos.

Diante disso, a população idosa da realidade deste estudo, que já se configurava como um dos segmentos mais vulneráveis quanto à sua participação como força de trabalho, cuja inserção na ocupação já tomava as posições mais precárias, passa a ser ainda mais penalizada. Além disso, vale considerar que o afastamento dos idosos das atividades produtivas significa, em grande parte dos casos, uma situação de precariedade e não a conquista de um benefício, uma vez que a inatividade vem geralmente acompanhada de queda significativa nos rendimentos, com limitadas possibilidades de obter novas ocupações em vista das deficiências educacionais e da competição com os jovens, num mercado de trabalho cada vez mais competitivo e fragilizado.

### **3 Desconstruindo a (In) formalidade: aspectos do trabalho do idoso**

Analisar a presença do idoso no trabalho informal é considerar que ele continua ocupando lugar importante no mercado de trabalho. Estudos de conjuntura vêm sinalizando crescimento da população idosa trabalhadora. Saindo de 4,5% da população economicamente ativa brasileira em 1977, vinte anos depois esse índice já sinalizava o dobro, com perspectivas de representar, já nos próximos seis anos, em 2013, 13% dos trabalhadores (CAMARANO, 1999).

No caso específico da realidade de Itabuna, os dados encontrados assinalam que, no trabalho informal do Centro Comercial, local desta pesquisa, os idosos que trabalham são, na sua maioria, homens (81,25%), se situam na faixa etária entre 60 a 80 anos, concentrando-se mais entre 60 e 70 anos (75%), o que significa dizer que a participação é reduzida com o avançar da idade. A aposentadoria é real para 75% dos entrevistados que continuam trabalhando, o que significa limitação da aposentadoria (de um salário mínimo) para mantê-los; 62,5% não têm qualquer nível de escolaridade, e 37,5% sabem ler e escrever; 69% são casados; 81% começaram a trabalhar com idade inferior a dez anos; 69% não recebem qualquer ajuda dos filhos; 87,5% trabalham por necessidade; 81% chefiam as famílias; 75% possuem domicílio próprio.

Mesmo com os baixos rendimentos oriundos da aposentadoria ou benefício<sup>7</sup>, não se tem dúvidas de que, mesmo com a remuneração

---

<sup>7</sup> Universalização que ocorreu no início dos anos 90 para ambos os sexos e independente do setor produtivo.

pelo trabalho informal, o grau de dependência dos indivíduos idosos seria bem mais acentuado.

A implementação dos benefícios da assistência social e a expansão da previdência para um número cada vez maior de pessoas têm, sem dúvida alguma, importância relevante na melhoria da renda dos idosos. De acordo com Camarano (2001, p. 16) “[ . . . ] a maior parte da renda dos idosos provém das aposentadorias e pensões e essa importância tem crescido ao longo do tempo, tanto para homens quanto para mulheres.” Vale considerar que em 1981 cerca de 21% dos idosos brasileiros não tinham qualquer rendimento, contra 12% em 1998 (CAMARANO, 2001)<sup>8</sup>. É com base nessa renda que o idoso tem oferecido maior suporte familiar.

O nível de escolaridade dos idosos desta pesquisa é, de forma geral baixo, com 62,5% de analfabetos e pouco mais de 31% com primeiro grau incompleto. Quando se leva em conta as condições da infância de cada um desses idosos, iniciando-se no mundo do trabalho com menos de dez anos de idade, é fácil compreender essa situação, em especial porque, no meio rural, ou em cidades de economia primária, a educação não era acessível às classes populares, o que significa que não conseguiram conciliar trabalho e estudo ou, simplesmente, não tiveram acesso a este.

É importante considerar que os idosos desta pesquisa começaram a trabalhar muito cedo, até mesmo com menos de dez anos de idade, para ajudar os pais na complementação da renda familiar. As experiências desse trabalho ainda criança são as mais diferentes: babá, trabalhadores rurais desde os oito anos de idade, *matadores* e vendedores de gado, balconista, lavadeira. Deduz-se, pois, que os (re) aproveitados de hoje foram precocemente absorvidos no passado.

Alguns desses idosos desenvolveram novas experiências que acabaram se transformando em ocupação, a exemplo de: cabeleireiro, alfaiate, costureira e comerciante. A maioria deles (68,75%), não recebe ajuda de filhos nas despesas da família. Essa situação vem corroborar resultados de pesquisas realizadas em outros espaços, em que se constata que os idosos não representam peso, fardo para as famílias, pois cresce o número daqueles que sobrevivem com a renda dos idosos,

---

<sup>8</sup> Em análises de condições de vida, uma das questões consideradas é o rendimento, uma variável estratégica na determinação da dependência.

muitas vezes incluindo aposentadoria e trabalho. De outro lado, cresce também a quantidade de municípios economicamente dependentes das aposentadorias dos idosos.

Embora os filhos já estejam em idade ativa, estão desempregados e retornaram à casa dos pais idosos para serem por eles sustentados. Dos entrevistados, apenas 31% recebem ajuda dos filhos para as despesas da casa.

Cabe destacar que, na sua grande maioria, os idosos continuam trabalhando por necessidade (87,5%), alguns deles lamentando que sejam obrigados a fazê-lo para complementar sua renda mensal. Já os demais (12,5%) trabalham porque gostam de se manter ocupados, não desejam parar. Para alguns, “[ . . . ] trabalho para me distrair [ . . . ]”, “[ . . . ] além de ajudar na despesa, trabalho para exercitar o corpo.”

A entrada no mundo da informalidade é consequência, de acordo com as respostas dos entrevistados, da absoluta necessidade, por força das baixas aposentadorias que, no entender dos entrevistados, são insuficientes para cobrir as despesas; enquanto isso, 25% afirmam que o trabalho informal é para não ficar parado e acabar adoecendo e 12,50% por não ter oportunidade no mercado formal. Esse trabalho é desenvolvido sob condições precárias, iniciado geralmente às três, quatro horas da manhã e, de certa forma, itinerante, considerando que eles deslocam os produtos, todos os finais de semana, para negociação em outros lugares, como feiras livres nos bairros residenciais da própria cidade de Itabuna ou em outras cidades circunvizinhas. Neste caso, sobem e descem de caminhões com suas mercadorias, com chuva ou sol. Trata-se de uma condição de trabalho que, apesar de precária, não é de desmotivação, e até favorece a criação de uma rede de relações com os parceiros de ocupação, com quem passam grande parte do dia e com quem dividem as angústias e alegrias das experiências diárias.

Com relação ao estado civil da população em questão, os dados revelaram que 68,75% são casados, moram com suas famílias, seguidos de viúvos (18,75%) e solteiros (12,5%).

Com referência à saúde, é importante realçar a qualidade de vida ou sobrevida dos idosos. Mesmo considerando que existem doenças crônicas que atingem a população idosa e representam uma ameaça à sua autonomia e independência, este estudo não se propôs a avaliar o estado de saúde dos idosos ambulantes. No entanto, foi possível cons-

tatar que 87,5% deles dependem do Sistema Único de Saúde (SUS); 62,5% procuram o posto de saúde mais próximo em caso de doença na família, 18,75% usam o plano de saúde privado para o necessário tratamento e pouco mais de 6% usam o método mais tradicional que é medicação caseira.

A presença do idoso na constituição familiar tem significativa relevância, em parte porque é no espaço das famílias que, teoricamente, são definidas a atenção e cuidado aos seus membros, onde está o idoso. Mas é importante realçar que os idosos se classificam como chefes de família em 81% dos casos nesta pesquisa. Esses resultados confirmam que a proporção de famílias que têm pessoas idosas como chefes não é desprezível, estando a merecer mais estudos. Os filhos morando juntos foi justificado como consequência de crises econômicas na região e dificuldades de emprego, agravado pelos baixos níveis de escolaridade.

As condições de ocupação dos domicílios dão conta que os idosos são proprietários das casas onde moram, na sua maioria, enquanto 25% moram de aluguel, o que pode traduzir uma complicação maior para quem tem renda tão limitada. 15 desses domicílios têm TV e geladeira, três têm chuveiro elétrico, dois têm parabólica e DVD, um tem vídeo cassete.

É importante considerar que, mesmo tendo iniciado no mundo do trabalho muito cedo, e mesmo com as experiências que tiveram nas fases pretéritas da vida, com ocupações nem sempre bem remuneradas, principalmente porque são ocupações sem exigências de qualificação, geralmente desenvolvidas sob condições precárias e desconfortáveis, esses idosos têm com o trabalho uma relação prazerosa, não de sofrimento, ainda que cumprindo horários prolongados com jornadas que se iniciam às três horas da manhã, de domingo a domingo.

É interessante assinalar as jornadas de trabalho desses idosos da pesquisa, de até 14h, iniciando-se nas madrugadas, colocando-se como unidade às avessas entre trabalhar e viver, especialmente porque a vida é consumida pelo trabalho.

As mercadorias (frutas) são recebidas às três - quatro horas da manhã e são carregadas pelo idoso (na condição de comprador) do caminhão de entrega até o ponto de venda, suas barracas, cujo percurso pode variar de vinte a cem metros. Nos finais de semana os idosos se deslocam com suas mercadorias para feiras em outros municípios. As

jornadas são, portanto, sempre superiores a dez horas (chegam a até 14h) de trabalho, cansativas, extenuantes e de constantes preocupações (com sobras ou perdas de produto, porque representam perda de dinheiro).

Além disso, o próprio local de trabalho não lhes ajuda em termos de conforto mínimo; são longos períodos do dia em que permanecem de pé, à espera de comprador para suas mercadorias; alguns têm um banquinho de madeira, baixinho, onde sentam para descansar, enquanto outros ficam de cócoras quando o cansaço nas pernas os incomoda.

Essa vivência do trabalho de forma sacrificada, pelo menos fisicamente, enquanto visão de um trabalho que maltrata, que é pesado e extenuante, se relaciona com um tempo de vida que não pertence ao idoso, mas pertence ao trabalho que lhe garante obtenção dos meios de vida.

Ainda que o trabalho limite outras dimensões da vida, é importante apreender o seu significado para esses idosos. Eles o definem como:

*“[ . . . ] sustento e diversão ao mesmo tempo, pois ficar em casa dá tristeza e a gente acaba doente.”*

*“Trabalho é saúde.”*

*“Trabalho é uma necessidade e todos precisam trabalhar.”*

*“Trabalho significa distração pois ficar no meio de amigos o tempo passa mais rápido.”*

*“[ . . . ] trabalhar é uma necessidade do homem, é suor no rosto.”*

*“Trabalho é dom da vida, é a melhor coisa do mundo.”*

*“[ . . . ] trabalhar é vender a mercadoria e receber o dinheiro.”*

*“[ . . . ] trabalho é luta, eu só estou bem quando estou trabalhando pois trabalho é saúde.”*

*“Trabalho significa lazer e ocupação da mente.”*

*“[ . . . ] trabalho é saúde, é uma forma de sobreviver.”*

*“[ . . . ] trabalho é vida.”*

*“[ . . . ] trabalho é distração e sustento ao mesmo tempo.”*

Embora Soratto e Pinto (1999, p. 282) afirmem que “[ . . . ] o fator nocivo do trabalho não [está] na dedicação, no empenho, mas nas condições, na organização e na relação com o trabalho [ . . . ]”, estas respostas exigem aprofundamentos que não se constituíram como propósito desta pesquisa. Por exemplo, embora não haja imposições e subordinação a um patrão, este trabalho é desenvolvido sob condições de exigências de horário e de rotina mas, principalmente, exigências muito fortes do corpo (corpos franzinos, que pegam sacos pesados, que ficam em pé durante todo o dia, de segunda a sexta-feira e que, nos sábados e domingos, ainda se deslocam para outros municípios e bairros periféricos com suas mercadorias, subindo e descendo de caminhões e ônibus), o que pode trazer comprometimentos muito sérios a essa velhice. Outro exemplo é analisar a existência de conflitos trabalho x família, por conta desse envolvimento total com o trabalho e da (im) provável dedicação ao convívio familiar.

É importante observar que no imaginário do idoso estão presentes expectativas de troca dos espaços individuais por espaços coletivos como viajar, visitar parentes e amigos; ou atividades religiosas, o que significa que, estar com outros, buscar suporte afetivo e social, podem se constituir numa força social integradora importante para esses idosos, inclusive com repercussões na atribuição do valor que dão ao trabalho.

Se após a aposentadoria não precisassem mais trabalhar, gostariam de viajar conhecendo o mundo e visitando familiares que moram em outras cidades (56,25%); gostariam de estar curtindo a tranquilidade do meio rural (18,75%); gostariam de sair por aí pregando o evangelho (12,50%); ou gostariam de estar bordando e costurando (6,25%). É provável que o desejo de se ocupar com algo diferente do cotidiano, de variar as ações, tenha relação direta com a consciência das limitações, com as impossibilidades ou com as perdas que limitam a sua ação.

No estudo do perfil do idoso que hoje trabalha como ambulante, pode-se constatar pelas informações, que antes da aposentadoria exerciam outros afazeres, como vendedores no comércio formal, costureiro, trabalhadores rurais e lavadeira. O trabalho, portanto, faz parte das suas vidas desde muito tempo, e eles não pensam em parar.

#### **4 Considerações Finais**

Esta pesquisa permitiu identificar alguns aspectos importantes do mundo do trabalho informal para a pessoa idosa. Em primeiro lugar, a inserção na informalidade significa para esses idosos a continuidade das condições precárias de trabalho que sempre tiveram em fases pré-teritas da vida.

Em segundo lugar, e apesar de serem majoritariamente aposentados, a permanência desses idosos no trabalho não significa saída das condições de pobreza em que sempre se encontraram. No entanto, e apesar das dificuldades e do desconforto sob o qual o realizam (jornadas extenuantes, exigência de força física para carregar peso, dentre outros), esse trabalho acaba exercendo um papel socializador importante para essas pessoas, que o vêem como oportunidades de serem úteis, de continuarem interagindo e mantendo as amizades construídas fora do circuito doméstico.

#### **OLD AGE AND WORK: the informal job as a (re)utilization of dispensable people**

##### **Abstract**

In spite of the changes occurred in the Brazilian labor market, it, due its features, in a first hand, allows precocious participation of children and youngsters in the world of labor, and, in the other hand, allows the reutilization of a great amount of people situated in the other extreme side of the age scale, the ones so-called as third age, legally excluded from the formal labor market. As a matter of fact, informal occupation guarantees subsistence to a relevant part of the population, including old people, even if they are retired. This text proposes to understand this kind of reality experienced by old workers in their informal occupation, their satisfaction with it, and its impact, in terms of income, to their family subsistence. The research was carried out with a group of sixteen old people, men and women, in a commercial center, in the county of Itabuna, South of Bahia, using as methodological strategy a semi-structured interview. In spite of the fact that the job is a

fundamental need to subsistence of the old people and to their families, and, that it is carried out in precarious conditions, they consider it as an element of self satisfaction, of pleasure, and of cheerfulness to their lives.

*Keywords:* Old Age. Informal Job. Informal Economy.

## REFERÊNCIAS

CAMARANO, Ana Amélia. *O Idoso Brasileiro no Mercado de Trabalho. Mercado de Trabalho - Conjuntura e Análise*, Rio de Janeiro, n. 12, p. 30-33, 1999.

CAMARANO, Ana Amélia. *O Idoso Brasileiro no Mercado de Trabalho. Texto para Discussão*, Rio de Janeiro, n. 830, out. 2001. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 12 ago. 2003.

DEJOURS, Christophe. *A Banalização da Injustiça Social*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

El ENVEJECIMIENTO de la población obligará a grandes cambios en el mercado laboral. *Jornal La Vanguardia*, Barcelona, 2004. Disponível em: <<http://www.elterciertempo.net/recortes/recort03.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2005.

O CRESCIMENTO da Economia Informal. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 09 jan. 2005. Caderno Dinheiro, B4.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Modo Capitalista de Produção e Agricultura*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.

SORATTO, Lucia; OLIVIER-HECLER, Cristianne. Trabalho: atividade humana por excelência. In: CODO, Wanderley (Coord.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes/Universidade de Brasília, 1999.

SORATTO, Lucia; PINTO, Ricardo Magalhães. *Burnout e Carga Mental no Trabalho*. In: CODO, Wanderley (Coord.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis: Vozes/Universidade de Brasília, 1999. P. 282-292.